REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

23.º Anno — XXIII Volume — N.º 774

30 DE JUNHO DE 1900

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

VISCONDE DE CASTILHO (JULIO)

(Copia de um cliché da photographia *A Luzitana*)

O VISCONDE DE CASTILHO

Na tumultuosa republica das lettras, onde o elogio mutuo reina á solta e despejadamente, onde as ambições insoffridas se acotovellam a cada passo, não duvidando trajar, mesmo quando acompanhadas de talento, para agradar á multidão, as mais extranhas vestes constelladas de faiscantes ouropeis e lentejoilas, nem afivelar ao rosto contrafeito a mascara do ridiculo, n'essa republica das lettras, onde tantos lidam e suam para conquistar a fragil nomeada do presente, que, ainda assim, nem o presente significa, mas só a camarilha, de que são a um tempo comparsas e espectadores, sacerdotes e thuribularios, consola repoisar o pensamento nos que, alheios, como o visconde de Castilho, ao bulicio que os rodeia, aos applausos encommendados que apenas ouvem, á lucta de invejas que não comprehendem, ao tropel dos ambiciosos que os não perturba, atravessam a existencia, trabalhando incessantes, erguida a fronte, postos os olhos no futuro e no bem do seu paiz, sem outros estimulos que estes não sejam, sem reclamos, sem palmas, sem recompensas, e até ás vezes mal conhecidos.

Filho de um homem dos mais illustres entre os mais illustres da nossa litteratura contemporanea, fadado poeta ainda no berço pela escriptora franceza Paulina Flaugergues, [1] creado n'aquella atmosphera de luz, que, ao bafo de seu pae, fecundava os engenhos nascentes, companheiro depois das suas lidas poeticas, socio effectivo de aquella academia, d'aquella especie de Parnaso, que tudo isso foi a casa de Antonio Feliciano de Castilho, relacionado com quantos a frequentavam, que era o melhor das lettras, das sciencias e das artes, o visconde poderia contentar-se com o nome adquirido á sombra dos loiros paternos, despendendo o resto da mocidade e da vida na facil contemplação de si mesmo, ou, passando aos arraiaes da politica, fazel-o echoar ao longe na guerra dos partidos pela estrondosa, mas ephemera voz da imprensa diaria, que tem servido a tantos de maravilhosa trombeta da fama.

Não seguiu, ainda bem, esse caminho; nem podia seguil-o, porque se lhe oppunham os seus habitos e estudos, o honroso exemplo de seu pae, que todos os annos sacrificou á religião de que foi um dos summos pontifices, e, o que é mais, por lh'o embargar a sua propria natureza. Não ensarilhou armas; não desertou bandeiras; não se entregou ao ocio, que tanta vez seduz a juventude, após victorias alcançadas quasi sem custo; não deixou de ser o que até ali tinha sido, o trabalhador indefesso; pois, amadurecendo-se-lhe com a edade e com os livros o talento de que Deus o dotara, desentranhou-se em novos fructos, e colheu novos loiros, que tem ido sobrepondo aos herdados e aos já adquiridos.

Muitas são as obras impressas do visconde de Castilho, quer em verso, quer em prosa; e n'ellas o vemos sob multiplices aspectos: genealogista, catholico, polemista, romancista, poeta, critico, dramaturgo, magistrado, moralista, archeologo, viajante e panegyrista.

Daremos essas obras pela sua ordem chronologica. Será o modo mais simples e rapido de conhecer, embora imperfeitamente, quem as não tenha lido a valia d'ellas e a fecundidade do auctor.

Em 1864 publicou o visconde: — «Estudo genealogico, biographico e litterario da familia Castilho». No drama «Camões» de seu pae, tomo III, de pag. 7 a 143.

Em 1865: — «O senhor Antonio Feliciano de Castilho e o senhor Anthero do Quental». (A proposito da questão intitulada do Bom senso e bom gosto, ventilada n'esse tempo.) Opusculo de 40 pag.

Em 1866: — «Memorias dos vinte annos. Fragmento». Vol. de 450 pag.

Em 1867: — «Primeiros versos». Vol. de 213 pag.

Em 1875: — «Antonio Ferreira, poeta quinhentista. Estudos biographico-litterarios, seguidos de excerptos do mesmo auctor». 3 vol. de 267—294—225 pag.

«D. Ignez de Castro, drama em 5 actos e em verso». Vol. de 359 pag.

«O ermiterio. Collecção de versos». Vol. de 247 pag.

Em 1876: — «Requerimento a Sua Magestade El-Rei pedindo a abolição das touradas em Portugal». Opusculo de 36 pag.

Em 1877: — «Relatorio apresentado á Junta geral do districto administrativo da Horta, pelo governador civil, visconde de Castilho».

Em 1879: — «Lisboa antiga. Primeira parte. O Bairro Alto». Vol de 360 pag.

Em 1880: — «Os ultimos trinta annos», por Cesar Cantu. Traducção.

Em 1881: — «Memorias de Castilho». 2 vol. de 310 e 349 pag.

1883: — «Jesu-Christo,» por Luiz Veuillot. Traducção.

Em 1884: — «Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairos orientaes.» Tomo I. Vol. de 264 pag.

— «Lisboa Antiga. Segunda parte Bairros orientaes.» Tomo II. Vol. de 424 pag.

Em 1885: — «Lisboa Antiga. Segunda parte. Bairros orientaes.» Tomo III. Vol. de 480 pag.

— «Lisboa antiga. Segunda parte. Bairros orientaes.» Tomo IV. Vol. de 389 pag.

Em 1886: — «O archipelago dos Açores.» Folh. de 63 pag.

— «Ilhas occidentaes do archipelago Açoriano.» Folh. de 62 pag.

Em 1887: — «Lisboa antiga. Segunda parte. Bairros orientaes.» Tomo V. Vol. de 294 pag.

Em 1889: — «Lisboa antiga. Segunda parte Bairros orientaes.» Tomo VI. Vol. de 404 pag.

— «Manuelinas. Cancioneiro de Julio de Castilho.» Vol. de 266 pag.

Em 1890: — «Lisboa antiga. Segunda parte. Bairros orientaes.» Tomo VII. Vol. de 485 pag.

Em 1891: — «Apontamentos para o elogio historico do Ill.mo e Ex.mo Sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, lidos na sessão solemne da Real Associação

[1] Allusão á poesia que esta lhe fez ao nascer e que vem nas *Escavações poeticas* de Antonio Feliciano de Castilho.

dos Architectos e Archeologos Portuguezes, em 10 de maio de 1891.» 1 olh. de 26 pag.

Em 1893: — «A ribeira de Lisboa. Descripção historica da margem do Tejo desde a Madre de Deus até Santos-o-Velho.» Vol. de 750 pag.

Em 1895: — «D. Antonio da Costa. Quadro biographico-litterario.» Vol. de 117 pag.

Em 1897: — «O christianismo e o operariado. Conferencia pronunciada perante a Associação protectora dos operarios em 27 de abril de 1897.» Folh. de 62 pag.

— «Elogio historico do architecto Joaquim Possidonio Narciso da Silva proferido em sessão solemne da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes em 28 de março de 1897.» Folh. de 41 pag.

— «A mocidade de Gil Vicente. (O poeta). Quadros da vida portugueza nos seculos XV e XVI.» Vol. de 291 pag.

Presentemente continua o visconde a imprimir as «Memorias de Castilho,» que já vão muito adiantadas, no jornal «O Instituto,» de Coimbra.

Poucos terão aproveitado melhor o seu tempo e com tanto beneficio do publico.

É inutil encarecer a pureza de linguagem, a elegancia de estylo, a propriedade de phrase e os outros predicados apreciaveis que distinguem todas essas obras do visconde, por serem notorias.

Os assumptos d'ellas são em geral bem escolhidos e os sentimentos que em todas o seu auctor manifesta coadunam-se com a nobreza do seu caracter e com a sensibilidade do seu coração, predominando entre estes o amor da patria, o amor da mulher e o amor da familia. O amor da patria representam-o eloquentemente os oito volumes da «Lisboa antiga,» onde á miudeza e acerto da analyse se casa, enaltecendo-os e embellezando-os, a sua alma de verdadeiro portuguez. O amor da mulher respiram-o a pleno os seus volumes de poesias. O amor da familia apparece-nos logo na sua primeira publicação, e sobretudo nas «Memorias de Castilho», preito de inexcedivel piedade filial, historia de um grande homem e, até certo ponto, da época de que foi distinctissimo ornamento.

Só por si esta obra e a «Lisboa antiga» seriam bastantes a perpetuar o nome do visconde, se não tivesse outras que tanto o abonassem, porque em ambas encontramos e encontrará o porvir instructivos repositorios de acontecimentos interessantes, do nosso seculo e dos seculos passados.

As «Memorias» ninguem as poderia escrever senão elle, pois, alem dos dotes especiaes que o favorecem, ninguem melhor do que elle está senhor da vida de seu pae, vida de que fez um culto, e para a qual tem enthesoirado, dia a dia, já na memoria, já no papel, variado e larguissimo peculio. Infelizmente a maneira por que prosegue a impressão d'esta obra, n'um jornal, e tão pouco lido, põe-n'a ao alcance de pequeno numero de leitores; o que não aconteceria, se, como no principio, sahisse em volumes.

Na «Lisboa antiga», alto padrão do seu affecto ao paiz que o viu nascer, incompleta, ainda mal, não por sua culpa, mas por nossa vergonha, tem o visconde posto não somenos diligencia, e tambem para ella, graças a assidua leitura e pacientes investigações de muitos annos, juntou uma collecção preciosa, como não haverá similhante, de escriptos, desenhos e gravuras, d'onde fez sahir pela força do talento os oito volumes que já gosão a luz publica.

Aqui entraremos n'uma particularidade, segundo parecerá ao commum dos leitores, de pouca monta, mas em que insistimos como significativa de que o seu auctor, ao inverso de quasi todos, livre de invejas e ambições, mais se importa com a lembrança dos mortos do que com a influencia dos vivos, o que equivale ao maximo dos seus louvores: seis d'esses volumes dedicou-os elle a Alexandre Herculano Almeida Garrett, Silva Tullio, José Gomes Goes, Mendes Leal e Antonio José Viale, que já então não existiam. Egual facto se dá com a «Ribeira de Lisboa», que o visconde dedica — citamos as suas distinctas palavras—: «A' memoria do modesto e prestantissimo operario dos estudos da antiguidade em Portugal, o fallecido José Valentim de Freitas.»

Nem se contentou com esta manifestação. Ainda no tomo IV dos «Bairros orientaes» vamos achar em nota a respeito de José Valentim de Freitas, «a obscura victima do trabalho, o apostolo da arte», como elle lhe chama, o seguinte não menos digno de especial menção: «Quanto mais o estudo, quanto mais attentamente manuseio os seus apontamentos, mais se me accentuam no espirito as feições realmente notaveis da sua indole boa e do seu caracter tenacissimo; e mais me convenço da massa consideraval de saber que havia n'aquelle pobre velho, cujo maior desejo, cujo unico desejo, era servir a sua terra.» Dedicando o volume a José Gomes Goes diz tambem o visconde: «Visto que o perdemos para as lettras... quero que a sombra d'elle venha apadrinhar os meus estudos, recebendo a homenagem espontanea da minha admiração e do meu agradecimento.» E tanto a um como a outro prodigalisa muitos louvores que não copiamos por brevidade.

Estas citações que servem para demonstrar a generosidade e elevação d'alma do visconde, servem egualmente para dar uma ideia imperfeita do que foram esses dois homens tão benemeritos e tão ignorados, de um dos quaes, José Gomes Goes, fomos amigo e avaliamos de perto o grande merecimento.

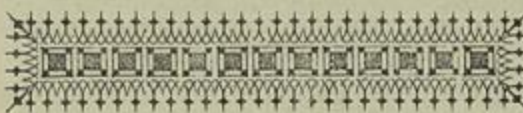
De todos os volumes da «Lisboa antiga» sejanos licito destacar e lembrar á curiosidade dos que ainda se importam com estas coisas o segundo e o terceiro dos «Bairros orientaes», occupado um com a tomada de Lisboa por D. Affonso Henriques, e o outro em grande parte com a descripção da Sé da mesma cidade. São interessantissimos e muito bem escriptos.

E' notavel a tendencia que o visconde manifesta para o passado, tendencia que transparece até nos volumes de poesias, das suas poesias tão sentidas e harmoniosas. N'este caso estão principalmente as «Manuelinas», que são todas imitações do antigo. Nos «Primeiros versos» teem o mesmo sabor algumas peças das que mais nos enlevam. Compraz se o visconde na genealogia; não é extranho á anecdota, quando convem amenisar a necessaria, a indispensavel aridez da argumentação ou da analyse; mas nem só emprega a anecdota, porque em varios dos seus livros encontra o leitor ás vezes aqui e ali, para o deleitarem, amenas descripções, sentimentaes episodios, ou, para mais grave leitura, quadros de acontecimentos nacionaes, tão fieis, tão palpitantes de colorida verdade, que caberiam perfeitamente no romance historico. Na critica, para que antes quer inclinar-se do que para o lado contrario, todos conhecem a benevolencia do visconde. Na polemica a ninguem cede em delicadeza. O seu espirito é o do crente sincero e o do patriota enthusiasta. A sua feição predominante consiste na bondade; e, amigo de seus amigos, estamos persuadido que nunca lhe corre melhor a penna do que ao ter de elogial-os, como lhe succedeu quando compoz os panegyricos de Vilhena Barbosa, de Possidonio da Silva, e sobretudo do inolvidavel D. Antonio da Costa, tanto da sua intimidade.

Emfim terminaremos estas despretenciosas linhas com um traço d'esse seu caracter em extremo bondoso, traço que raros entenderão, que até fará sorrir alguem, mas que será apreciado favoravelmente pelas almas sensiveis e delicadas: o visconde de Castilho, afóra ser o amigo do seu amigo e o amigo da humanidade, que o é, e de tal se préza, é o amigo dos animaes, do que encontrâmos a prova n'um dos seus escriptos: o requerimento contra as toiradas.

Quasi restabelecido de uma dolorosa e pertinaz doença, quiz a redacção do OCCIDENTE aproveitar a conjunctura para manifestar quanto préza e respeita o visconde, publicando-lhe o retrato no seu periodico; e, certamente enganada comnosco, encarregou-nos de escrever a noticia correspondente. E' d'essa tarefa que aqui nos desempenhámos tão mal, como se acaba de vêr. O que porem nos falleceu em merito sobrou-nos em boa vontade, por se nos offerecer occasião de falar de um escriptor a que nos prende ha muito estima verdadeira e profunda.

Lisboa — 1900 — junho, 28.

Ramos Coelho.

CHRONICA OCCIDENTAL

Pediu a demissão o gabinete progressista presidido pelo sr. José Luciano de Castro. Foi encarregado de organisar o novo ministerio, e já deu conta do seu recado, o sr. Hintze Ribeiro.

Claro está que foi este o caso de sensação dos ultimos dias e que, só com a prata da casa, nos é hoje facil remediar-nos.

Mais facil do que o foi ao sr. Hintze, segundo o accusam jornaes progressistas pela entrada do sr. Anselmo de Andrade. Seja porém dito, entre parenthesis, que o auctor da *Terra* é de muito boa liga.

Para nós é um descanço não termos que andar a passear pela China e pelo Transvaal, em tempos de guerra, viagens sempre incommodas, e de repente saltar para a exposição de Paris, cada vez mais interessante, mas que nos deixa sempre uma certa impressão desagradavel, depois de só vista em fantasia.

Foram as reformas constitucionaes o motivo do pedido, feito pelo sr. José Luciano a El-rei, para que concedesse a demissão ao ministerio.

No seu palacio da rua dos Navegantes, em reunião dos seus amigos politicos das duas casas do parlamento, explicou o sr. ex presidente do conselho as causas que motivaram uma resolução, que se esperava ha muito, que ha quinze dias ou d'aqui a quinze dias não seria recebida com espanto, mas que, na hora em que se deu, foi uma verdadeira surpreza. As explicações do sr. José Luciano de Castro calaram nos animos. O gabinete não podia governar sem a confiança da corôa e El-rei mostrara a sua pouco boa vontade relativamente ás reformas constitucionaes, em vista da declaração dos regeneradores de que, mal chegassem ao poder, considerariam irrita e nulla uma tal lei.

O gabinete pediu então a sua demissão.

Não parece ter sido muito facil a tarefa do sr. Hintze Ribeiro, tendo recusado as pastas que lhes foram offerecidas os srs. Moraes de Carvalho, Mello e Sousa, Luciano Monteiro e Antonio de Azevedo.

O sr. João Franco, — cuja viagem a Coimbra, onde foi servir de padrinho ao doutorando em theologia, Augusto Joaquim dos Santos, foi, conforme os longos telegrammas publicados por todos os jornaes, um verdadeiro triumpho, — apezar das longas conferencias que teve com o sr. Hintze Ribeiro, mostrou-se inabalavel no seu proposito, muitas vezes e até no parlamento affirmado, de não tomar parte no novo gabinete.

Appareceram no dia 25, em supplemento ao *Diario do Governo* os decretos de nomeação dos novos ministros:

Presidencia e Reino: Conselheiro Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro.

Justiça: Conselheiro Arthur Alberto de Campos Henriques.

Guerra: General Luiz Augusto Pimentel Pinto.

Fazenda: Dr. Anselmo de Assis Andrade.

Extrangeiros: Conselheiro João Marcellino Arroyo.

Marinha: Dr. Antonio Teixeira de Sousa.

Obras Publicas: Conselheiro José Gonçalves Pereira dos Santos.

O novo ministerio apresentou-se immediatamente ás côrtes.

Todos estes nomes são de ha muito conhecidos na politica.

É a primeira vez que o sr. Hintze Ribeiro sobe á cadeira de ministro, depois que o partido regenerador o nomeou seu chefe, pela morte do sr. Antonio de Serpa. O facto d'essa nomeação, que não encontrou um unico oppositor, é sufficiente prova do prestigio de que gosa o actual presidente do conselho.

Os srs. Campos Henriques, Pimentel Pinto e João Arroyo já n'outros tempos occuparam as cadeiras do poder, em que provaram suas altas capacidades.

O sr. Campos Henriques geriu a pasta das obras publicas no ultimo ministerio regenerador, succedendo a Carlos Lobo d'Avila. No parlamento revelou-se orador fluente, sendo notaveis muitos dos seus discursos, entre os quaes citaremos o que, ha tempos, fez sobre o *bill* sanitario.

O sr. Pimentel Pinto, ministro da guerra no ultimo ministerio regenerador, é um militar cheio de prestigio e prestou relevantes serviços durante o tempo em que geriu a pasta que lhe foi confiada. Tem as maiores sympathias no exercito.

O sr. João Arroyo é um dos primeiros oradores parlamentares portuguezes. Muito novo, quando pela primeira vez entrou na camara, em 1885, precedia-o a fama dos seus dotes oratorios. Fez parte do ministerio organisado pelo sr. Serpa Pimentel em 1890, gerindo successivamente as pastas da marinha e da instrucção publica.

Pela primeira vez são agora chamados aos conselhos da corôa os srs. Pereira dos Santos, Teixeira de Sousa e Anselmo de Andrade.

O novo ministro das obras publicas, sr. Pereira dos Santos, é um mathematico distincto. Militou sempre com os regeneradores. Estreando-se nas discussões parlamentares, quando do projecto do caminho de ferro de Lisboa por Torres Vedras á Figueira e Alfarellos, tão brilhantemente se houve, que pelo sr. Hintze Ribeiro, então ministro das obras publicas, foi escolhido para relator do projecto do porto de Leixões. A Associação Commercial do Porto, como testemunho de gratidão, nomeou-o seu socio honorario.

O sr. Teixeira de Sousa é homem de altas capacidades, talento vigoroso, tenacissimo em seu estudo, parlamentar distincto. Foi pela primeira vez eleito deputado em 1890 e foi secretario da camara em 1894.

O sr. Anselmo de Andrade, novo ministro da fazenda, é um novo tambem no partido. Basta o seu livro *A terra* para demonstrar suas qualidades de publicista. O sr. Hintze conseguiu com a entrada do sr. Anselmo de Andrade no ministerio apoiar-se n'um elemento de incontestavel valor.

Quando o novo governo se apresentou nas camaras era enorme a affluencia de espectadores nas galerias. Na sala de espera quasi não se podia andar. Todos os novos ministros eram cumprimentados com a maior effusão. Depois da sessão uma procissão de amigos e pretendentes acompanhou-os até ás carruagens.

Isto é, deram-se as scenas costumadas.

Na sessão fallou primeiramente o sr. Presidente do Conselho, apresentando o seu programma.

O sr. Veiga Beirão, ex-ministro dos negocios estrangeiros, encarregado pelo partido progressista de definir a sua attitude perante a nova situação, disse que seria ella de opposição ao governo, clara e manifesta, mas nunca norteada por um estreito e mesquinho partidarismo.

O sr. João Franco usou da palavra tecendo os maiores elogios ao seu amigo e illustre chefe com quem, declarou, ter-se sempre encontrado na mais estreita concordancia politica.

O sr. Paulo Falcão declarou em nome da minoria republicana que a opposição d'esta será aberta, franca e patriotica.

O sr. Fuschini felicitou o paiz por ver afinal na pasta da fazenda um homem competente.

Respondeu-lhe, agradecendo, o sr. Anselmo de Andrade.

O sr. Dias Ferreira fez uma pergunta ao sr. Hintze Ribeiro sobre a auctorisação concedida pela lei de 1898, para serem dados em penhor os rendimentos das alfandegas como garantia dos juros da divida externa.

A todos os oradores que se lhe dirigiram respondeu o sr. Hintze Ribeiro, devendo deprehender-se das suas declarações que o governo será conservador e liberal.

Situação nova!... Quantas esperanças faz nascer ou avigora!

Para o proximo anno, eleições.

Outra vez!

Vão ter que fazer os governadores civis, administradores de conselho, regedores...

Fala-se já muito dos novos governadores que serão nomeados para os differentes districtos.

O sr. José de Azevedo, illustre director geral da instrucção publica, substituirá o sr. D. João de Alarcão, na administração superior do districto de Lisboa.

A muita caridade de que deu as mais commoventes provas e o zelo que o antigo governador mostrou pela boa gerencia e progresso dos institutos mais sympathicos são exemplos a seguir. Todas as casas de caridade, que tão abundantes existem em Lisboa, deveram ao sr. D. João de Alarcão a protecção mais desvelada, e muitos infelizes, velhos, crianças, desgraçadas sem meios proprios para combater a miseria horrivel, lhe devem hoje o bem estar de que finalmente gosam, fóra d'um sonho, que julgavam intangivel. O coração do governador civil, que tantas sympathias tem criado e tão boa memoria de si deixou, fez verdadeiros milagres.

O sr. José de Azevedo possue uma intelligencia notavel, que todos lhe reconhecem, e decerto encontrará os meios precisos para continuar n'essa lucta tão gloriosamente encetada contra a miseria.

Combater-lhe as causas é decerto uma das fórmas de debellar o mal pela raiz. O sr. Hintze Ribeiro na sua resposta ao sr. Paulo Falcão declarou que ha de cumprir aquillo a que se comprometteu na opposição referente ás casas de jogo. Consta que já houve ordem para que se fechem as academias de bilhar. Pois parte do caminho já foi andado.

João da Camara.

CARTAS DA EXPOSIÇÃO

D'esta vez, sim, pode dizer-se que foi completo o nosso triumpho.

Foi uma festa memoravel essa inauguração do pavilhão colonial. Todos os jornaes de Paris, com as palavras mais elogiosas, se referem aos artistas que talentosamente collaboraram para o exito extraordinario alcançado, á boa disposição dos productos, á maravilhosa riqueza d'estes, á energia e boa vontade dos que dirigiram uma exposição tão complicada e que é certamente das mais dignas de nota, entre tantas por onde se espalha a attenção dos entendidos e a admiração dos curiosos.

O pavilhão é obra de Ventura Terra e, sem a menor duvida, muito superior, sob o ponto de vista architectonico ao do Caes d'Orsay. Toda a decoração interior, de finissimo gosto e brilhante resultado, foi devida ao habil pincel de João Vaz.

A luz coada pelos vidros pintados, descendo das altas janellas, é suavissima e dá o maior realce á decoração.

Na cupula altissima, differentes typos das embarcações portuguezas desde os tempos mais remotos; no friso, as armas das principaes cidades ultramarinas; aos cantos os medalhões dos notaveis navegadores, Diogo Cão, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama e Pedro Alvares Cabral. Foi assim que João Vaz emmoldurou maravilhosamente as vitrines em que são expostos os exemplares mais curiosos da industria e da agricultura coloniaes.

Logo, á entrada, entre dois grandes vasos de velha faiança da China, encostada a um contador está uma estante, sobre a qual se acha aberto um riquissimo exemplar dos *Luziadas*.

A idéa não podia ser melhor. Toda a nossa gloriosa historia ali está n'aquelle livro, destinado a perpetuar, atravez os seculos, as façanhas dos portuguezes, descriptos na mais bella de todas as linguas. Tal homenagem a Camões é ali perfeitamente cabida. A nós, portuguezes, commove-nos.

Ao centro da grande sala central do rez do chão admira-se a copia fiel do padrão erguido por Diogo Cão na costa africana, um dos primeiros gloriosos marcos que as mãos heroicas dos portuguezes foram erguendo por esses caminhos d'antes ignorados. O docel a esse glorioso monumento, suggestivo da mais bella das epopéas, é, como não podia deixar de ser, a bandeira portugueza.

Os productos agricolas estão todos muito bem dispostos em *vitrines* espalhadas pelas salas e galerias.

Muitos objectos d'arte foram curiosamente observados pelos entendedores. Pena foi que o espaço muito limitado não deixasse fazer d'elles uma exposição menos confusa.

Todos os elogios são poucos ao sr. Almeida Negreiros, que superiormente dirigiu todos os trabalhos d'esta exposição e que mereceu ouvir as phrases mais agradaveis aos homens mais notaveis e jornalistas considerados, que todos accederam ao convite, que lhes foi dirigido pelo commissario geral.

Merecem elogiosa mensão tambem os srs. Henrique de Mendonça e Sousa Lara, opulentos proprietarios da Ilha de S. Thomé, que muito concorreram para o excellente, honroso resultado conseguido.

Impossivel seria uma nota, resumida que fosse, de todos os convidados, muitos d'elles nomes conhecidos em toda a Europa, que desfilaram pelas salas, e nos honraram com a manifestação do seu agrado.

Ali conheci pela primeira vez alguns dos mais notaveis jornalistas francezes e um sueco, cujo nome agora me esquece, de orthographia complicada para um latino, que é um antigo admirador da nossa historia e da nossa litteratura, e que me disse, cheio de enthusiasmo, em muito máu portuguez:

—«Ainda existe lusitanos!

O sr. Almeida Negreiros foi pelo sr. Conselheiro Ressano Garcia apresentado ao sr. Picard, que lhe disse as phrases mais amaveis, felicitando-o por ter tão brilhantemente visto coroados os seus esforços.

A's vezes temos alegria em ser portuguez. Hoje estamos n'essa volta. Quem nos dera continuar assim!

Paris 24 de junho de 1900.

M. C.

CANCIONEIRO

BREITIZ A LINHEIRA

De santo Esp'irito de Alfama
Até ás Portas da Cruz,
Não ha hi donzella ou dama,
que sobreleve na fama
á filha de Ruy Chapuz.
Uma joia verdadeira!
discreta, mansa, prudente.
De Valverde a São Vicente,
e da Alcáçova á Ribeira,
ninguem tem nome como ella;
ninguem tão boa e tão bella,
como Breitiz, a linheira.

E a de mais, que mão de prata!
Sim, que é benta aquella mão.
Que lavores que ella brosla,
de inverno, em casa, ao serão!
Fez um panno figurado,
que offertou a Santa Cruz,
com todo o vivo treslado
da nossa guerra de Ormuz,
co'uns lettreiros sobre a lhama.
Não, ninguem logra mais fama,
desde os Cavallos de Alfama
até ás Portas da Cruz.

O pae,... inda o conheci!
homem tal, nunca o eu vi;
foi mestre das naus da India;
foi mareante de lei;
dava gosto vel-o á faina,
a bordo da capitaina
das possantes naus d'El-Rey.
Hardido de coração;
Valente, como os que o são.
Em todo o bairro de Alfama
cada petintal proclama
que não ha, que não havia
quem melhor despachasse obra;
ninguem regia a manobra
com arte mais acabada;
era a flor da nossa armada,
severo, correndo aos cabos,
abrindo ou rizando as velas,
sempre a postos, sempre a pé,
rouco empunhando a buzina,
por essas costas da Mina,
por esse mar da Guiné.
Tinha nome Ruy Chapuz,
mais o seu pardo capuz,
mais a sua cara tisnada,
cá desde a Torre Chumbada
até ás Portas da Cruz.
Pois quando elle ia, co'a filha,
á Sé a ouvir as Matinas
e os «aytos de devação!»
Só o vel-o era regalo;
e eram todos a saudal-o;
de um lado e outro da rua,
e com tanta acceitação,
como se fosse um senhor,
ou um desembargador
da casa de Relação.
E todos a uma voz
repetiam; — Pae feliz!
o da linheira Breitiz!...

Morreu. Ficou sepultado,
e mais Bertholameu Dias,
no lençol do mar salgado.
Que de ignotas agonias,
que segredos tem o Oceano
lá sob o céo africano!
E, se bem já passe um anno,
todos fallam n'elle ainda;
e da filha, pobre e linda,
não ha, não ha que dizer,
senão que Deus lhe quer bem;
pois nunca se viu ninguem
mais triste, mais saudosa,
mais pungida e lacrimosa
nem da dor mais verdadeira,
do que Breitiz, a linheira.

O que ella está, e o que foi!
Era uma estrella; era um sol.
Hoje... não traz o arrebol
no seu sorriso innocente;
traz a saudade e a tristeza,
como os tem o sol poente.
O que ella foi, e o que é hoje!
Nas noites de Santo Antonio,
nas fogueiras de San-João,
em ella entrando na roda
redobrava a animação.
Nas danças dos mesteiraes,
ahi, por esses quintaes,
par'cia uma Imperatriz;
tinha um aspeito sob'rano,
co'o seu pellote de panno,
co'os seus modos senhoris,
Ninguem tão nobre e tão lhano,
como a linheira Breitiz.

Quem é que a viu mais em rondas?
em passatempos? ninguem.
Quem quer, procura a linheira
em casa de sua mãe.

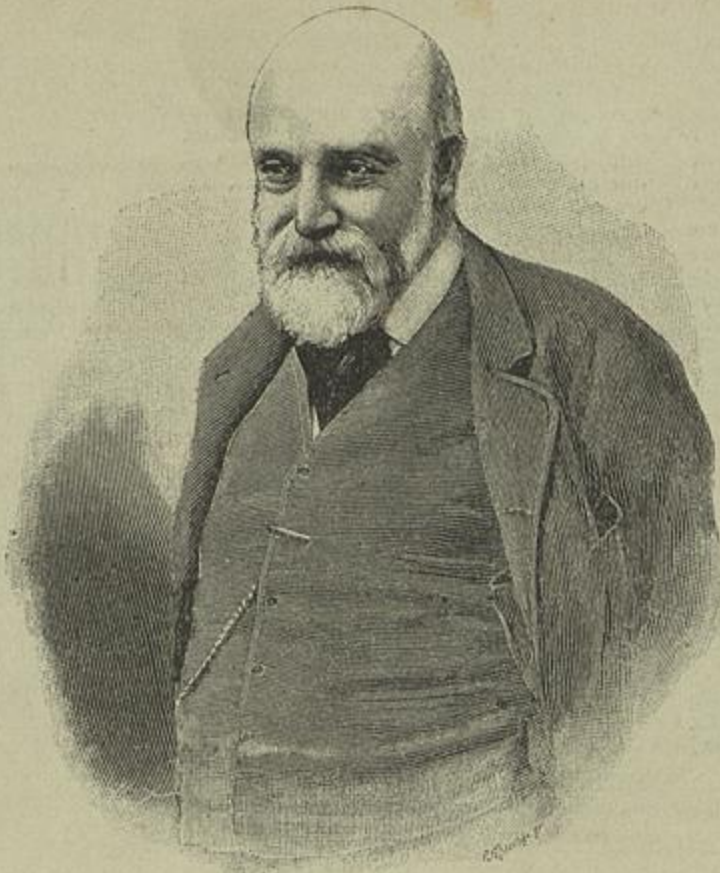
Capa do Livro «Manuelinas»

Os Casebres do Loreto

DESENHOS DO SR. VISCONDE DE CASTILHO (JULIO)

Nunca mais andou no rio,
nas longas tardes de estio,
deslizando até Rastello;
nunca mais foi ver os terços
a manobrar no Castello.
Nunca mais foi aos presepios
da bulhenta Mouraria;
nunca mais viu passar momos;
nunca mais viu romaria.
Nunca mais viu correr toiros,
nem mais bailou nos terreiros;
nunca mais na rua Nova
viu justas de cavalleiros.
E se lá veem charamellas. . .
estremece e foge d'ellas.

Acabou-se-lhe a ventura;
abysmou-se na orphandade.
Sua mãe é o seu mundo;
ambas vivem de saudade;
e n'uma alma portugueza
saudade é sempre tristeza.
Muito unidas, mãe e filha;
vão nos domingos á ermida,
e o mais tempo vivem sós.
Atraz da adufa escondida
Breitiz junto ao parapeito
cose, e vae cantando a eito
alguma trova sombria,
lá do tempo dos avós;
eu, quando passo na rua,
escuto aquella harmonia
e abençôo aquella voz.
É que não ha n'este mundo
voz mais doce e feiticeira
que a de Breitiz, a linheira.

No seu dó toda sumida,
co'a pobre mãe pelo braço,
só a encontro quando passo
para ouvir missa na ermida
do Santo Esp'rito de Alfama.
O clarão que ella derrama
é uma luz de além mundo;
dir-se-hia um Anjo que vae
involto em pezar profundo.
O' moças do bairro, olhae,
olhae n'ella o vosso exemplo;
ou amarrada ao trabalho,
ou a caminho do templo;

S. A. O PRINCIPE DE JOINVILLE — Fallecido em 16 do corrente

morta em vida; estatua muda;
tão linda e tão infeliz!
pobre linheira Breitiz!...

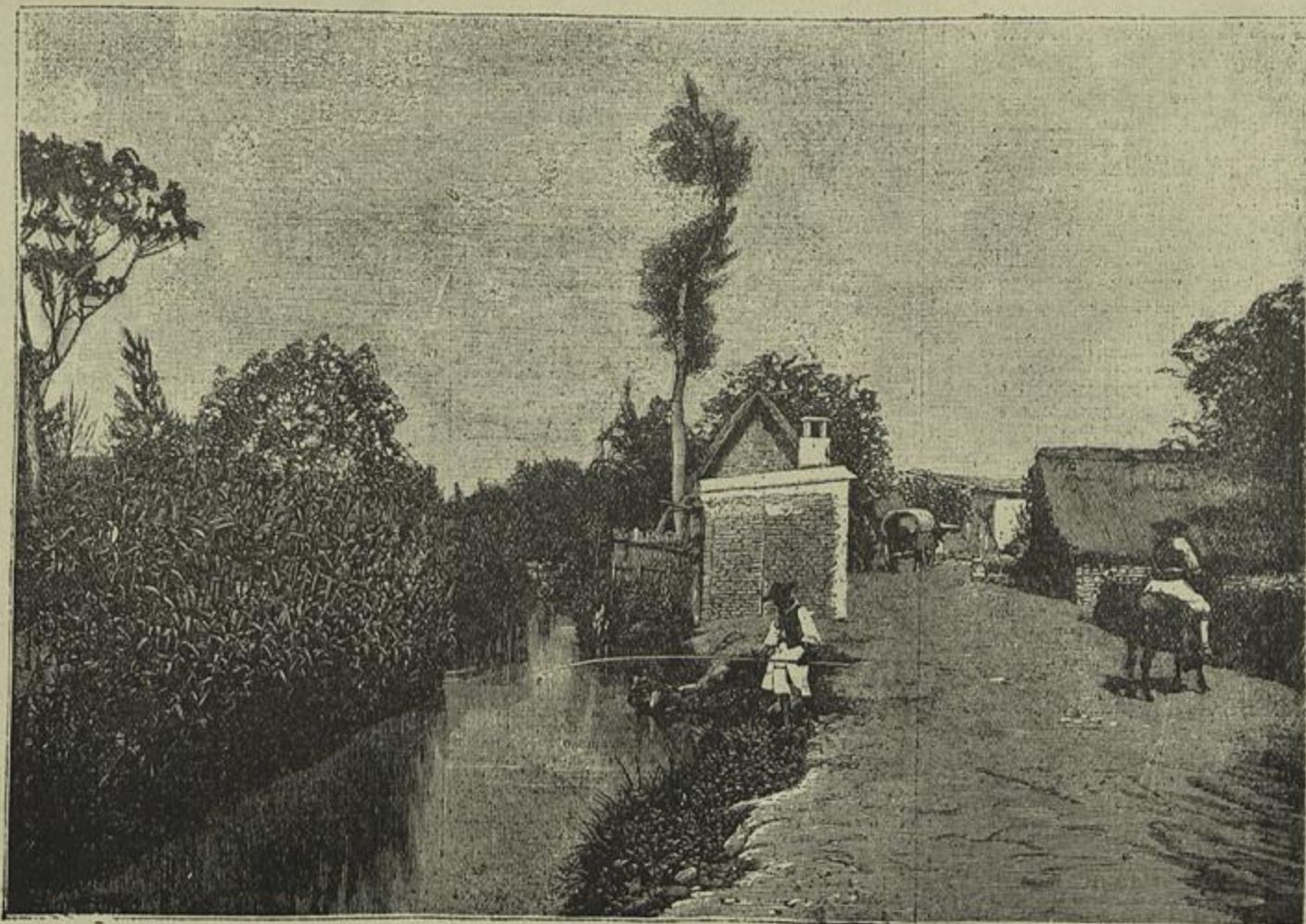
Sim, mas seja Deus bemdito!
já o disse, e inda o repito:
não ha hi donzella ou dama,
mais honesta e verdadeira,
de mais respeito e mais fama,
do que é Breitiz, a linheira,
a filha de Ruy Chapuz,
desde San-Pedro de Alfama,
até ás Portas da Cruz.

MANUELINAS, 1889.

Julio de Castilho.

CASEBRES DO LORETO

Bem defronte das duas egrejas levantavam-se ha dezasete annos uns restos de maior quantia, a que o povo chamava por epigramma *os casebres do Loreto*, emmoldurados pela rua do *Alecrim*, rua da *Horta Secca*, rua do *Loreto*, e travessa dos *Gatos*. A geração nova só conhece de tradição os casebres, e ouve fallar em Memphis; pareee-lhe fabula que houvesse o que houve no perimetro da actual praça de *Luiz de Camões*, bandeja equilibrada entre duas ruas de nivel differente. A geração nova só conhece esse mesquinho terreiro gradeado, onde se ergue *longe do mar, longe das Tagidas*, a formosa estatua do poeta esculpida pelo insigne Victor Bastos, meu amigo, estatua a que fazem tristissima moldura rengues de casas das mais prosaicas de Lisboa. Pois o que é certo é que todo esse centro era occupado pelos restos de um antigo palacio dos Marialvas, que figurava ter sido grande, porem sem belleza, como quasi todos os nossos solares, depois do terremoto nunca fôra restaurado; o unico fragmento inteiro fazia o angulo para a rua do *Loreto*. Eram umas sacadas altas e severas, um cunhal de pedra lioz com uns brazões firmados na esquina. Tudo mais não passava de casas estreitas e plebeias pela rua do *Loreto* até á travessa dos *Gatos*.

O interior era um dédalo de pateos e cabanas ridiculas, de um pittoresco de má catadura; não

NAS MARGENS DO RIO AGUEDA

habitava ali o pudor, certamente, mas, formigava toda uma *ménagerie* de infortunios e vicios. Nos baixos dos predios da rua *do Loreto* industrias varias: um hervanario, um santeiro, um botequim na esquina, e já sobre o largo uma taberna muito afreguezada, um dentista, uma especie de armario encrustado na parede, e onde escanhoava um barbeiro, uns ferradores já sobre a rua da *Horta Secca*, e, além d'estas, outras industrias mais ou menos embuçadas.

As varandas aristocraticas, onde assomavam no seculo XVII as empoadas senhoras da casa de *Marialva*, como grandes retratos de Rubens, habitava-as um relojoeiro (lembro-me bem).Por baixo dos brazões, na parte inferior do cunhal, eram afixados os cartazes dos theatros. Muita vez ali fomos nós os rapazes d'aquelle tempo, lêr o que se dava em S. Carlos, saber se entrava a Tedesco ou a Bernardi. Nas outras janellas que seguiam, altas, baixas, de todos os feitios e côres ou gorgeava o laborioso pintasilgo, que tira agua do seu potesinho, ou prégava o esganiçado papagaio lisboeta, ou emfim espreitava os passeantes algum rosto moreno por traz das taboinhas verdes.

Os Marialvas e os Cantanhedes é que de todo não reconheceriam n'aquelle cahos o seu solar. Aquillo era um campo onde parecia que tinham ido gigantes jogar á bola: ou antes: parecia que um encontrão da sorte desmantelara um paço para fazer d'elle muitas barracas de titeres.

Tudo muda muda. Tambem o palacio já não reconheceria os sitios historicos da sua fundação, depois de arrazadas as portas historicas de Santa Catharina. [1]

Lisboa antiga, primeira parte, pag. 193.

Julio de Castilho.

IGNEZ DE CASTRO

(ACTO V, SCENAS III E IV)

D. PEDRO

Bem m'o dizia o coração. Eu vinha
co'um arrebol de esperança dentro n'alma.
A noite está lindissima. No campo
nem sôpro; o cheiro agreste dos pinheiros
e os mochos; nada mais. A um lado, a outro,
as campinas, que inunda a lua cheia.
Eu vinha caminhando. No silencio
da noite, ao longe uns vagos sons chegaram;
pareciam-me os sinos de Coimbra.
Mas não podia ser; a taes deshoras!
Eram toadas de uma estranha musica!
Medonha! diabril! Parei, são campas;
não ha que duvidar. Já cá mais perto,
Cessaram de tanger. Cheguei, silencio
pela cidade inteira.

JOÃO ANNES

Era o rebate,
com que as torres da cidade
clamavam por El-Rei.

D. PEDRO

Obra de trasgos
pensei eu ser, que ás horas aziagas
vinham mofar de mim.

IGNEZ

Mofar? não vinham;
antes era um signal das alegrias
que um Deus bom quiz mandar-nos.
Pedro! Pedro!
Ai! como estou feliz!

. . . .

Quem nos diria,
Pedro (quem nos diria?) quando ás vezes,
no nosso esconderijo melancolico,
viamos o porvir tão ensombrado
de medonhas visões, quem nos diria
que a mão d'El-Rei nos abriria a porta
dos nossos encantados paraizos?

D. PEDRO

A minha santa mãe devemos tudo.
Não sabes? em segredo ha tempo largo
que ella vigia sobre nós.

IGNEZ

Dizia-m'o
não sei que intima voz. Sim, muitas vezes
havia affagos maternaes nas fallas
com que me ella fallava; e ainda agora...
(se tu visses!) beijando os meus tres filhos,
senti por sobre nós como um carinho
que me envolvia toda; era a penugem,
era o calor das suas azas brancas.

D. PEDRO

Era sim.

IGNEZ

Vejo agora, abranjo inteiro
um mundo de venturas escondidas
em cada beijo d'ella!

D. PEDRO, beijando-lhe as mãos

Anjo da guarda!

IGNEZ, levantando-se, e amparando-se muito no braço do infante

Dá-me o teu braço. Sinto-me tão boa
desde que tu vieste! Passeemos.

D. PEDRO, dando ambos alguns passos até ao fundo

Sim vem ver que lindeza a d'esta noite!

IGNEZ, chegando á janella, inundada de luar

Pedro! que ceo tão lindo! Como a lua
se mira no Mondego! é a confidente
do nosso amor.

PEDRO

É a branca mensageira,
que nos trouxe dos ceos a boa nova.

IGNEZ

Não quero sair mais d'esta Coimbra.
Estes vergeis de tanta suavidade
vão ser o nosso ninho; sim?

D. PEDRO

De certo,
Ignez.

IGNEZ

A varzea! o rio! Santa Clara!
Como eu amo Coimbra!

. . . .

E uma tal noite,
co'uma lua d'aquellas, não foi feita
toda só para nos?
Ai! já esqueceste
as nossas longas noites no remanso
do eirado sobre o rio, quando vinha,
horas mortas, um lindo cavalleiro,
embuçado e sósinho, e da varanda
para elle debruçada uma donzella!...

D. PEDRO, sorrindo

E elle de pé no arção do seu cavallo
encostado á muralha...

IGNEZ

E a lua cheia,
uma lua como essa, a dar de chapa
n'aquesta nobre fronte!

D. PEDRO

E o teu Mondego
a murmurar entre os choupaes, e ao longe,
no silencio vastissimo do campo
algum ladrido...

IGNEZ

E ella a dizer-lhe: Pedro!
que importuna barreira! vem, mais perto;
vem, sobe mais!

D. PEDRO

E elle a temer que os zephyros
lhe furtassem o archanjo dos seus sonhos;
e os zephyros a ondearem-te no manto,
e a ciciar nos teus cabellos de oiro!

IGNEZ

E ella a dizer: Meu Pedro! como eu te amo!

D. PEDRO

E elle calado, a ouvir a melodia
da tua voz de crystal!

IGNEZ, com innocente malicia

Como se lembra
de tudo, senhor mau! e quer deixar-me
aqui! tão só! neste ermo!

D. PEDRO

Lembro; lembro-me;
amo-te, e cada vez com mais affecto;
e cada vez com mais amor! Mas, filha,
prometti. Hei de ver-me esta alvorada
com teu irmão.

(IGNEZ DE CASTRO, drama
em 5 actos) 1875. *Julio de Castilho.*

A' infausta morte no dia 4 de fevereiro de 1853
de Sua Alteza Imperial a nunca assaz chorada Princeza

D. Maria Amelia (a)

Qual astro que no Empireo
Fulgura illuminando,
E que no Oceano turbido
Mergulha inda brilhando,
Filha do Heroe Magnanimo
Amelia, nos deixou!...

De vez em quando lugubre
Rebomba a artilheria,
Que outr'ora c'o as victorias
Garbosa e leda ria,
E a pobre lira em lagrimas
Cantares encetou.

Do Heroe por excellencia.
Ella era Augusta Filha;
Com ella agora o Altissimo
Celestes bens partilha!
O' Beauharnais, consola-te!...
Amelia não morreu!

Abrindo as azas candidas!
Largou, voando, a terra;
Foi ter á patria angélica
Que o nosso premio encerra!...
Não chores!... foi Amelia
Ao patrio ninho seu!...

Julio de Castilho.

(a) Esta pequenina composição poetica é obra de meu sobrinho Julio de Castilho, de 13 annos de idade, e filho de meu irmão Antonio Feliciano de Castilho.

Alexandre Magno de Castilho.

Almanach de Lembranças para 1854. Lisboa. — pag. 67.

A obra litteraria de Julio de Castilho, segundo Visconde de Castilho

(Notas bibliographicas)

I — HISTORIA E ARCHEOLOGIA.

Lisboa antiga — 1.ª parte — O Bairro Alto — Lisboa — Antonio Maria Pereira, editor — Typ. da Academia real das sciencias — 1879 — 360 pag. 8.º — Dedicado ao Duque de Avila e Bolama.

— 2.ª parte Bairros Orientaes:

Tomo I — Coimbra — Imprensa da Universidade — 1884 — 264 pg 8.º — Dedicado á Real Associação dos Architectos e Archeologos na pessoa de Joaquim Possidonio Narciso da Silva.

Tomo II — Coimbra — Imprensa da Universidade — 1884 — 424 pag. 8.º — Dedicado á memoria de Alexandre Herculano.

Tomo III — Coimbra — Imp. da Universidade — 1885 — 479 pag. 8.º — Dedicado á memoria de Almeida Garrett.

Tomo IV — Lisboa — Typ. da Academia — Julho 1885 — 392 pag. 8.º — Dedicado á memoria de Silva Tullio.

Tomo V — Lisboa — Typ. da Academia — Fevereiro de 1887 — Dedicado á memoria de José Gomes Goes.

Tomo VI — Lisboa — Typ. da Academia — 1889 — 405 pag. 8.º — Dedicado á memoria de José da Silva Mendes Leal.

Tomo VII — Lisboa — Typ. da Academia — Maio de 1890 — Dedicado á memoria de Antonio José Viale — 485 pag. 8.º

Estes volumes, em edição mais do que modesta, acompanhada de algumas gravuras em cujo desenho o auctor collaborou com o seu lapis de artista, constituem um trabalho monumental de investigação, de erudição e de poesia, reconstituindo aos olhos do leitor a nossa velha capital sob os variados prismas da sua archeologia, tanto no que respeita ás ruas, ás casas, aos monumen-

[1] Este assumpto foi pelo auctor nova e mais largamente tratado no livro *Amôr e Mãe*, pag. 197 e respectiva nota.

tos como até á vida publica e intima dos seus habitantes dos seculos passados.

Quando em 25 de Janeiro de 1900 se celebrou em Lisboa o 1.º centenario do nascimento do nosso grande Poeta e educador Antonio Feliciano de Castilho, pae do actual Visconde, o *Diario de Noticias* no numero commemorativo que dedicou a tal acontecimento, publicou uma carta do illustre litterato Henrique Lopes de Mendonça na qual este lembrava que á Camara Municipal de Lisboa se proporcionava ensejo brilhante para honrar o nome de Castilho, publicando de sua conta em edição monumental a grande obra da *Lisboa antiga*, dizendo:

«O primogenito do grande morto consagrou á capital um monumento litterario onde, a par da consciencia de erudito, ressumbra a ternura do filho dedicado.

«Pouco conhecida é porventura essa obra, que, embora incompleta, constitue o mais vasto repositorio de noticias que sobre a *Lisboa Antiga* soube colligir um talento aprimorado e paciente.

«Porque não ha de a Camara abalançar-se á edição monumental d'esse livro, enriquecida com reproducções documentaes e illustrações artisticas e completado pelo auctor, que para o levar a cabo possue subsidios valiosissimos?»

Na verdade o material pacientemente accumulado pelo auctor de tão inestimavel obra, depois da sua publicação e tendente á sua ampliação e correcção constitue já um riquissimo e copioso manancial de ineditas noticias, cuja publicação constituiria um serviço prestado á historia e archeologia da capital do reino.

A Ribeira de Lisboa — Lisboa — Imprensa Nacional — 1893 — 750 pag. em 8.º grande — Dedicado á memoria de José Valentim de Freitas.

Outra obra do valor da *Lisboa Antiga*, editada pelo Estado em um bello volume.

Rua da Judiaria, artigo no OCCIDENTE n.º 379, de 1889, pag. 147.

Lisboa nos seus annexins (Lembrete ás camaras municipaes) por José Tulio Dalich (Julio de Castilho) Folhetim no *Popular*.

II ELOGIOS HISTORICOS

Apontamentos para o Elogio historico do Ill.mo e Ex.mo Sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, lido na sessão solemne da Real Associação dos Architectos e Archeologos, em 10 de maio de 1891 — Lisboa — Typ. da Academia — 1891 — Folheto de 36 pag. in-folio.

Elogio historico do architecto Joaquim Possidonio Narciso da Silva, proferido em sessão solemne da real Associação dos Architectos e Archeologos em 28 de março de 1897 — Lisboa — Typ. da Academia — 1897 Maio — 41 pag. in-folio.

III ESTUDOS BIOGRAPHICOS E CRITICOS

Memorias de Castilho — Tomos I e II — Typ. da Academia — 1881 — acompanhado de estampas, algumas desenhadas pelo A. — Dedicado á Escola Castilho, primeira fundação commemorativa do fallecimento do poeta portuguez.

Estes 2 volumes foram publicados á custa do auctor e offerecidos á Escola Castilho. São illustrados com alguns desenhos do auctor.

As *Memorias de Castilho* comprehendendo, além da vida do grande escriptor, a historia intima da sociedade portugueza neste seculo, constitue livro do maior interesse.

Estes 2 volumes contem as memorias até 1834. A continuação tem sido publicada no *Instituto* de Coimbra, desde o n.º 8, de fevereiro de 1891 até ao presente, attingindo até á epocha de 1854. A obra completa deverá constituir uns 9 a 10 volumes em 8.º

Antonio Ferreira, poeta quinhentista. Estudos biographico-litterarios, seguidos de excerptos do mesmo auctor. Prefacção á edição da Livraria classica — Paris — Typ. de Simão Raçon & C.ª — 1875.

Notas ao drama *Camões*, 2.ª edição — Lisboa 1864, entre as quaes avulta a intitulada *Castilhos*, a qual consiste em um estudo genealogico, biographico e litterario da familia Castilho. E' o tomo III do Camões.

Francisco Vieira Lusitano. Apontamentos biographicos. Publicado no *Instituto*, vol. 37.º (1889-1890) e no 38.º (1890-91).

D. Antonio da Costa. Quadro biographico e litterario. Publicado no *Instituto*, n.os 6 de 1893 a 18 de 1894. D'este estudo se tiraram alguns exemplares em separado.

Almeida Garrett, artigo por occasião do seu centenario, no *Instituto*, n.º 3, de março de 1899.

Antonio Ribeiro Saraiva, artigo publicado no OCCIDENTE n.º 771, de 30 de maio de 1900.

Camões, artigo publicado no numero especial da *Arte*, commemorativo do Centenario de Luiz de Camões em 1880 (Junho).

Sua Santidade Leão XIII, artigo no n.º 1 do *Mundo Catholico*, maio, 1899.

IV POESIA

Primeiros versos — Paris — Typ. Simão Raçon & C.ª — 1867 — 8.º de 213 pag.

Manuelinas. Cancioneiro de Julio de Castilho — Lisboa — Imp. Nacional — 1889 — Dedic. a Maria Luiza de Castilho. — 267 pag. Edição primorosa com capa illustrada pelo autor.

A oração do Pontifice — (Poesia contida no vol. *Primeiros versos*) — Ded. a Monsenhor Pinto de Campos. Recife — Typ. do *Jornal do Recife*, 1867 — 8.º gr. de 18 pag. innumeradas.

O Ermiterio, collecção de versos — Lisboa — Typ. Universal, 1876. — 247 pag. 8.º Ded. Ao meu presado tio José Feliciano de Castilho — Barreto e Noronha.

V ROMANCES

Memorias dos vinte annos — Lisboa — Typ. do Futuro. Rua da Cruz de Pau — 1866 — 454 pag — 8.º Ded. A meu Pae.

Mocidade de Gil Vicente (O Poeta) — quadros da vida portugueza nos seculos XV e XVI. Lisboa. Typ. Rua da Barroca 1876. Ded. A' Ill.ma Ex.ma S.ª D. Carolina Coronado Perry. Este romance foi primeiro publicado em folhetins na *Tarde* (de Lisboa).

Amor de mãe, scenas da vida moderna de Lisboa — Lisboa — Typ da Parceria de Antonio Maria Pereira — 1900. 1 vol. 8.º illustrado pelo auctor.

VI THEATRO

D. Ignez de Castro — Drama em 5 actos e em verso — Paris. Simão Raçon & C.ª 1875 — 359 pag. 8.º Ded. A' memoria de sua chorada mãe a Senhora Viscondessa de Castilho.

O Rei da Ericeira — Episodio do Tempo da dominação Filippina em Portugal, comedia em 3 actos inedita de Jacintho Heliodoro de Faria Aguiar Loureiro, revista, reformada e muito ampliada por J. Castilho. Ameixoeira. Maio de 1897. — representada, no inverno de 1898, no theatro do Gymnasio, de Lisboa. Publicado no *Mundo Catholico*, desde 1899.

VII DIVERSOS

Collaboração no *Almanach de Lembranças*:

1854 — *Poesia feita aos 13 annos*, pag. 67.
1856 — *O monge e o viandante*, (poesia) pag. 188.
1858 — *Ave Maria*, pag. 318.
1859 — *Noite de primavera*, pag. 228.
1860 — *Os pobresinhos*, pag. 179.
1861 — *O Numero dous*, pag. 346.
1862 — *Prodigalidade de nomes entre hespanhoes* (anedocta) pag. 246.
1867 — *Distancia da terra ao sol*, pag. 308.
1868 — *Outono*, pag. 372.
1869 — *O annel de Joanninha*, pag. 330.
1870 — *Esparsa*, pag. 94.
1871 — *No Campo*, pag. 140.
» — *Adeus para sempre*, pag. 359.
1872 — *Crepusculo*, pag. 314.
1876 — *Menestreis na rua*, pag. 386.
1879 — *A utopia*, pag 398.
1880 — *A' serra*, pag. 278.
1881 — *O padre Ignacio da Cartilha*, pag. 129.
1882 — *Os pregões*, pag. 249.
1883 — *O presbyterio da Castanheira*, pag. 275.
1886 — *A architectura*, pag. 457.
1887 — *D. Leonor Telles*, pag. 474.
1888 — *Joannico*, pag 179.
» — *A musica*, pag. 426.
1889 — *A guerra*, pag. 188.
1891 — *As torres e os sineiros*, pag. 182.
1892 — *O fadista*, pag. 260.
1893 — *Convite*, pag. 420.
1895 — *Que é traduzir um poeta*, pag. 151.
1895 — *Nas ruas*, pag. 273.

O Senhor Antonio Feliciano de Castilho e o Senhor Anthero de Quental. — Lisboa. — Imp. de J. G. Sousa Neves. — 1865, 8.º de 40 pag. Teve 2.ª ed.

Requerimento a Sua Magestade el-rei pedindo a abolição das touradas em Portugal — Lisboa. — Typ. Mattos Moreira, 1876 — 8.º de 36 pag. (Este requerimento foi apresentado em nome da Sociedade protectora dos animaes).

Relatorio apresentado á Junta Geral do districto administrativo da Horta, pelo governador civil Visconde de Castilho — Horta — 1877 — 4.º

O Christianismo e o Operariado — Conferencia pronunciada perante a Associação Protectora dos Operarios em 27 de Abril de 1897 — (Lisboa — Typ. do *Commercio de Portugal* — 1897 — 4.º de 62 pag.) Sahiu primeiramente publicado no *Commercio de Portugal* (1897).

O Archipelago dos Açores e Ilhas occidentaes do archipelago Açoriano, volumes n.os 137 e 139 da *Bibliotheca do Povo e das Escholas* publicados em 1886 — Typ. — Horas Romanticas — Lisboa — Volumes de 62 pag.

A respeito de Castilho, carta no *Popular* de 8 de março de 1900.

Os ultimos trinta annos por Cesar Cantu, traducção — Lisboa — 1880 — 8.º

Jesu Christo por Luiz Veuillot — Trad. — (Edição luxuosa por conta do editor Maciá, de Paris) 1883 — 4.º com gravuras e admiraveis chromo-lithographias.

Cartas sobre diversos assumptos de litteratura, critica, arte, etc. — que sahiam nos numeros de domingo do *Diario official do Rio de Janeiro*, do qual o auctor era correspondente literario em Lisboa.

AS NOSSAS GRAVURAS

NAS MARGENS DO RIO AGUEDA

O rio Agueda é um dos confluentes do Vouga, o grande rio que principiando no *Chafariz da Lapa*, junto do santuario d'este nome, no concelho de Sernacelhe, percorre a extensão de uns 150 kilometros até ir desaguar na ria d'Aveiro.

O Agueda recebe as aguas do *Certema* ou da *pateira de Fermentellos*, nas alturas de Requeixo.

Proximo da villa de Agueda de que toma o nome, recebe as aguas do *Alfusqueiro* e *Agadão* engrossando ahi a sua corrente. Outr'ora denominou-se *Agada*.

É dos rios mais pittorescos tendo pontos de vista como o que reproduzimos em nossa gravura, de bella paizagem.

NECROLOGIA

PRINCIPE DE JOINVILLE

Está de luto a familia real portugueza pela morte do Principe de Joinville, tio da Rainha, Sr.ª D. Amelia, pois que era filho de El-rei Luiz Filippe de França e já, por afinidade tio de El-rei, por ser viuvo da Sr.ª Infanta D. Francisca, irmã da Sr.ª D. Maria II e do Imperador D. Pedro II do Brazil.

O seu casamento com a infanta portugueza realisou-se no Rio de Janeiro, em 1 de maio de 1843.

O principe de Joinville François Ferdinand Philippe d'Orleans, nasceu em Nevilly a 14 de agosto de 1818. Foi official de marinha e conquistou todos os postos até ao de vice-almirante, distinguindo-se nas batalhas de Saint-Jean d'Ulloa, Vera Cruz e Mogador.

A revolução de França, de 1848 exilou a familia Orleans, mas em 1870 o principe de Joinville voltou ao seu paiz a combater pela patria, apresentando-se como official americano sob o nome de Lutherod, a servir na marinha de Loire.

Em 1871 foi deputado á Assembleia Nacional com seu irmão, o duque de Aumale até 1876, em que se retirou á vida privada.

A França galardoou os seus serviços conferindo-lhe a Gran-Cruz da Legião d'Honra.

Deixou umas memorias curiosas sob o titulo de *Vieux Souvenirs*, publicadas em 1894.

Falleceu em Paris no dia 16 do corrente.

O Principe de Joinville esteve em Lisboa em 1886 por occasião do casamento de Suas Magestades.

Nas duas casas do parlamento portuguez foram propostos votos de sentimento pela morte de Sua Alteza.

O REI DAS SERRAS

POR

Edmond About

II

Só de passagem citarei o Williamzinho Lobster. Era um anjo de vinte annos, loiro, côr de rosa e gordinho; mas um anjo dos Estados Unidos. A casa Lobster e Sons, de Nova York, tinha-o enviado ao Oriente com missão de estudar o commercio de exportação.

De dia trabalhava em casa dos irmãos Philips; á noite lia Emerson; de manhã, á hora scintillante do erguer do sol, ia até á casa de Socrates atirar ao alvo.

O typo mais interessante da nossa colonia era, sem duvida, John Harris, tio materno do Lobsterzinho.

A primeira vez que jantei com esse extraordinario rapaz, comprehendi logo a America. Ao nascer respirou esse ar do novo mundo, tão vivo, tão espumante e novo, que trepa como vinho de Champagne e embebeda quem o respira

Não sei se a familia Harris é rica, se pobre, se poz o rapaz n'um collegio ou o deixou tratar da propria educação. O que é certo, é que elle aos vinte e cinco annos só conta comsigo, nada espera senão do seu esforço, de nada se espanta, nada crê impossivel, não recua nunca, em tudo crê, em tudo espera, experimenta tudo, de tudo triumpha, levanta-se quando cae, recomeça se se sai mal, não pára nunca, nunca perde coragem e anda sempre para a frente assobiando por entre os dentes. Foi agronomo, mestre-escola, homem de leis, jornalista, mineiro, industrial, negociante. Leu tudo quanto ha, viu tudo, foi tudo, fez tudo e já percorreu meio mundo. Quando o conheci, commandava elle no Pireu um aviso a vapor, com sessenta homens e quatro peças; tratava a questão do Oriente na *Revista de Boston*, fazia negocios de anil com uma casa de Calcutá e ainda lhe sobejava tempo para, tres ou quatro vezes por semana, vir jantar com o sobrinho e comnosco.

Um traço entre mil para lhes pintar o feitio de Harris.

Em 1853 era elle associado d'uma casa de commercio em Philadelphia. O sobrinho, que tinha então os seus dezesete annos, veio visital-o. Encontrou-o na praça de Washington, de pé, com as mãos nas algibeiras a ver arder uma casa.

—Olá! diz-lhe. Chegas a más horas, rapaz. Vês este incendio? Arruinou-me; tinha quarenta mil dollars n'essa casa; não salvaremos um fosforo.

—E que vai então fazer? pergunta-lhe o rapaz enfiado.

— São onze horas, tenho fome; vamos almoçar.

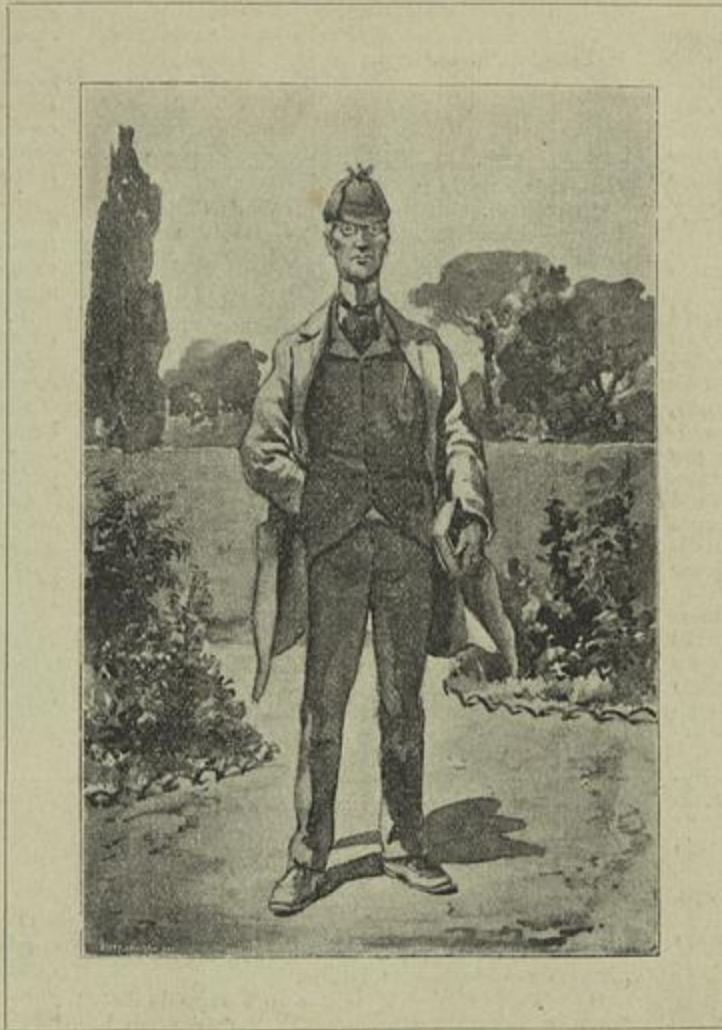
Harris é um dos homens mais esbeltos e elegantes que tenho encontrado.

Nunca fiz caso do sr. Mérinay; olhava para Giacomo Fondi com a curiosidade indifferente com que se olha para bichos n'uma gaiola; o Lobsterzinho pouco interesse me inspirava; mas de Harris gostava immenso. Gostamos do que não sentimos em nós. Giacomo vestia-se todo de branco, porque era escuro; eu adoro os americanos, porque sou allemão.

Quanto aos gregos, depois de quatro mezes de Grecia, quasi os não conhecia.

Conhecia a fundo o jardim botanico de Athenas, que não é coisa bonita nem rica. O jardim real offerecia-me maiores recursos. Lá passei alguns momentos bons. A certas horas não se póde lá entrar, mas eu falava grego ás sentinellas e pelo amor do grego davam-me licença.

Quasi todos os dias ia até ao campo escolher ervas, mas nunca tão longe como o desejaria, porque os salteadores andavam pelos arredores de Athenas. Medroso não sou, como adeante verá, mas gosto da vida. E' um presente que devo a meus paes e por elles quero conserval-a o tempo que me fôr possivel.

Em abril de 1856 era perigoso sahir da cidade. Lembrava-me da pobre sr.ª Daraud, a quem tinha levaram ao meio dia, e a captura de dois officiaes francezes. A entrada do Pireu recordava-me a quadrilha que por ali andou passeando em seis carruagens e que atravez as portinholas, ia espingardeando quem passava. O caminho do Pentelico recordava-me a historia da Duqueza de Plaisance ou ainda a mais recente de Harris e de Lobster.

«O REI DAS SERRAS» — O SR. HERMANN SCHULTZ

Um dia voltavam d'um passeio, a cavallo, quando caem n'uma emboscada. Dois bandoleiros, de pistola engatilhada, obrigam-os a parar em meio d'uma ponte. Olham para baixo e vêem no fundo do corrego uma dusia de patifes, armados até aos dentes, de guarda a uns cincoenta ou sessenta prisioneiros. Todos os que por ali passáram desde o nascer do sol fóram roubados e amarrados para que nenhum fosse dar aviso. Harris e o sobrinho estavam desarmados. Harris disse em ingles :—«Entreguemos o dinheiro; ninguem se deixa matar por vinte dollars.» Os salteadores apanham o dinheiro e fazem-lhes depois signal de que é preciso descer. Harris perde a paciencia, deita um olhar ao sobrinho e logo dois magnificos soccos caem sobre a cabeça dos homens. O adversario de William vae a terra descarregando a pistola; o de Harrais, mais bem servido, passa por cima do parapeito e vae cahir no meio dos companheiros. Harris e Lobster já estavam longe, de esporas nas barrigas dos cavallos. Toda a quadrilha ergue-se como um só homem e faz fogo. Os cavallos caem, mas os homens escapam, dão ás pernas e trazem aviso á policia, que se põe em campo, tres dias depois, pela manhãsinha.

Foi com verdadeira magua que o nosso excellente Christodulo soube da morte dos cavallos; mas nem uma palavra rosnou sequer contra os assassinos:—Aquillo era a vida d'elles!...

Todos os gregos são assim. Um grego roubado por um de seus irmãos resigna-se e diz com os seus botões que o dinheiro não sae da familia. Os moralistas indigenas queixam-se das extravagancias d'um filho. Ralham com elle de rijo mas gostam d'elle baixinho.

Quando cheguei a Athenas, não se falava senão do grande Hadgi-Stavros, o invencivel, o terror da policia, o Rei das Serras! Era uma ladainha.

Um dia em que, pouco depois da sua aventura, John Harris jantava comnosco chamei a conversação para o assumpto Hadgi-Stavros. O bom Christodulo conhecera-o muito n'outros tempos, durante a guerra da independencia.

Escorropichou o copo de Santorino, limpou o bigode e começou uma longa historia entrecortada por suspiros.

Stavros era filho d'um papas ou padre da ilha Tino. Como os registos do estado civil são uma invenção da decadencia, nenhum grego dos tempos bons sabe em que anno nasceu. Pelos vinte annos foi de viagem até Jerusalem e juntou ao nome o titulo de Hadgi, que quer dizer peregrino. Voltando, foi apanhado por um corsario, que, descobrindo-lhe prendas, fez do prisioneiro seu marujo. Assim começou combatendo contra os navios turcos, sobretudo contra aquelles que não levavam peças a bordo. Ao cabo d'uns annos aborreceu-se do serviço e estabeleceu-se por conta propria. Mas, como não tinha navio nem dinheiro foi em terra que exerceu suas piraterias.

A sublevação da Grecia contra a Turquia permittiu-lhe pescar nas aguas turvas.

Nunca ninguem soube ao certo se elle era bandoleiro ou insurrecto, se capitaneava ladrões ou partidarios.

O odio contra os turcos não o impedia de saquear todas as aldeias por onde passasse. Todo o dinheiro lhe servia, quer fosse de amigos quer de inimigos, roubo simples ou saque glorioso. Tão notavel imparcialidade augmentou-lhe rapidamente a riqueza.

Correram os pastores para a bandeira que elle hasteava e com seu bom nome depressa arranjou um exercito. As potencias que protegiam a insurreição tomaram conhecimento de suas proezas, mas nunca de suas economias. N'esse tempo era lindo o prisma por que se viam as coisas. Compararam-o a Epaminondas e Lord Byron dedicou-lhe uma ode.

De França, Inglaterra e Russia mandaram-lhe dinheiro.

Pelo fim da guerra viu-se assediado com outros chefes na Acropole de Athenas. Cada qual guardava o seu dinheiro á cabeceira. Uma bella noite, o tecto cahiu com tanto juizo que deu cabo de toda a gente menos de Hadgi-Stavros, que fumava cá fóra o seu cachimbo. Assim herdou, e muito bem, de todos os companheiros.

(Continua).